

Violência simbólica

Os militares discutem o papel da mídia na construção da cidadania e concluem que os critérios usados na informação devem ser controlados pela sociedade

FOTOS: A.C. JUNIOR



O encontro na ESG reuniu cerca de 200 profissionais de comunicação

Patrícia Costa

O poder da mídia tem sido amplamente exposto, discutido e analisado pelos próprios meios de comunicação. Filmes como os – não por acaso – norte-americanos *O jornal*, *Herói por acidente*, e mais recentemente *Assassinos por natureza*, além do cult *Cidadão Kane*; artigos em jornais, revistas; encontros de especialistas discutem sob diversos ângulos o papel da mídia na sociedade moderna e o que a comunidade organizada pode fazer para torná-la mais democrática. (ver em **cadernos do terceiro mundo** n° 179 a matéria de capa “Mídia: o quarto poder”). O que não é tão habitual é que o tema seja debatido nos recintos de estudos militares, com jornalistas convidados como palestran-

tes. Mas foi o que ocorreu na Escola Superior de Guerra (ESG), em dezembro passado. Com o tema “Mídia, Violência e Marginalização”, foi realizado o II Encontro da Escola Superior de Guerra com a Mídia, no Forte São João, na Urca, Rio de Janeiro. O objetivo do Encontro foi promover uma discussão sobre o papel da mídia dentro do contexto atual da violência que vem assolando a sociedade brasileira.

O brigadeiro Sérgio Xavier Ferolla, diretor da ESG, explica que, embora esse tenha sido o segundo encontro com a mídia, desta vez a inclusão do tema da violência foi consequência de uma análise da conjuntura que foi feita no ano passado: “Resolvemos discutir violência com a mídia para ver como ela se inseria nesse contexto, qual era o papel que podia desempenhar a favor para

tentar corrigir as causas, ou como ela podia prejudicar as ações que estão sendo feitas.” Segundo o oficial, esse encontro é um trabalho de abertura de diálogo dentro dos conceitos que a democracia defende (ver quadro).

Personalidades como os jornalistas Sidney Resende e Francisco Pedro do Couto, o publicitário Mauro Salles, o cientista social José Murilo de Carvalho, o advogado Leandro Konder, o economista Décio Munhoz, o professor Pedro de Oliveira Figueiredo e o sociólogo Luiz Eduardo Soares estavam presentes. Na plateia, como convidados, profissionais da maioria dos veículos de comunicação do Brasil – entre eles o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Barbosa Lima Sobrinho, e o diretor da Editora Terceiro Mundo, jornalista Neiva Moreira –, e representantes



Brigadeiro Ferolla

Abertura ao diálogo

Criada em 1948, nos moldes dos colégios de guerra norte-americanos, a Escola Superior de Guerra (ESG) pretendia inicialmente socializar os interesses das elites militares e civis que viriam, mais tarde, a ajudar na criação do Ministério da Defesa. Mas tal projeto não se concretizou.

A instituição oferece quatro cursos clássicos: o de nível superior de guerra (aberto a civis e militares), o de comando e estado-maior, o de mobilização e o de informações (transferido para a Escola Nacional de Informações, na década de 70).

A escola usa também muitos convidados e dá cursos de extensão para elaborar planos e idéias em torno de um projeto nacional.

Hoje, é comandada pelo brigadeiro Sérgio Xavier Ferolla, que declara: "Éramos uma instituição fechada e, por isso, passamos a dialogar com a sociedade. Queremos contribuir para a conscientização do meio social. Recebemos pessoas consideradas teóricas do marxismo, ou líderes socialistas. É uma experiência enriquecedora."

Polêmica – José Murilo de Carvalho concorda. Segundo o cientista social, as causas para a crise de valores da sociedade são diversas. O problema de garantia dos direitos civis é um dos maiores e tem duas razões: a falta de consciência da população, de um lado, e a incapacidade do Estado de garanti-los, de outro. "Temos de incentivar a ação do Estado através dos direitos políticos (voto, organização política), para que reconquistemos os direitos civis – de ir e vir, de liberdade de imprensa, de igualdade, por exemplo – e tenhamos acesso aos direitos sociais como a previdência, a justiça social, etc.", conclui.

A violência que a mídia expõe diariamente é encarada como parte da sua função, que é a de veicular informações. Segundo o brigadeiro Ferolla, "a mídia, infelizmente, é obrigada a retratar o que está acontecendo. Antes, as pessoas não queriam reconhecer que existia o problema". Sua ressalva é em relação aos critérios utilizados para expor a violência, principalmente na mídia eletrônica: "No horário infantil, aparece o trailer do filme violento que passa à noite. Deveria haver uma maior preocupação, pois o público está despreparado para essa violência", afirma. Caberia aos órgãos de comunicação criar mecanismos para controlar esse problema; porém, a reação tem de ser da própria sociedade, pois ela "tem de exigir que seus direitos sejam respeitados. Democracia e cidadania é isso".

A influência que a mídia pode exercer sobre o imaginário das pessoas – cenas violentas incitam atos de violência – é questionado pelo publicitário Mauro Salles: "Pelo contrário, a divulgação da violência pela mídia aumenta a consciência social para enfrentá-la." E exemplifica: "Foi a divulgação da violência da guerra do Vietnã que contribuiu para que a própria guerra acabasse." Para ele, a violência mostrada em filmes, livros, televisão, jornais etc. deve ser tratada como entretenimento e informação.

Democracia na prática – Polêmicas à parte, todos concordam que a mudança no quadro de violência em todo o país tem que passar por uma mudança estrutural, social, econômica e cultural, e nesse processo a mídia tem função primordial.

O advogado Leandro Konder vai mais longe ao afirmar que, no caso do Brasil, tal desafio para a sociedade passa por dois níveis: o dos que detêm o poder de informar (Estado e grandes conglomerados de empresas privadas); e o dos que se informam: o público consumidor. "Se quisermos conviver com o Estado, teremos de democratizá-lo. O excesso de poder que existe nas mãos de poucos conglomerados de informação impede a democratização. É impossível ser democrata com um conglomerado desses ditando as regras", declara. Para Konder, o incentivo ao diálogo e à interlocução entre os setores da sociedade seria uma das saídas possíveis. ■

de diversas instituições, além de oficiais da ESG.

Vilã ou heroína? – A mídia foi encarada mais como um elemento fundamental para o processo de mudança social do que propriamente a vilã e mantenedora da atual conjuntura social, política e econômica. Alguns pontos foram marcantes e até unânimes nas discussões: a violência urbana foi considerada uma conseqüência da violência moral e da injustiça social em diversos níveis da sociedade. E se estima que só pode ser superada através de um projeto nacional de combate à pobreza, que garanta uma divisão mais justa de renda, e assegure emprego, moradia, educação e saúde para todos.

No entanto, os participantes reconheceram que essa meta só pode ser alcançada através de um trabalho de conscientização da sociedade sobre os seus problemas, e a respeito das possíveis formas de contribuir para superá-los. Tal objetivo só pode ser realizado, por sua vez, se houver uma democratização dos meios de comunicação no Brasil.

"Discutir o papel da mídia é fundamental, não só para a sociedade, mas principalmente para o próprio jornalista", afirma Sidney Resende, completando que o importante não é associar a mídia à violência, mas sim discutir o papel da mídia dentro de um quadro de violência social, urbana e de violência ampla: "Existem várias formas de violência, como a sonegação de impostos, o desemprego, a corrupção, a concentração de renda brutal, que repercutem na violência urbana que vemos hoje." Quanto ao papel da mídia, para ele é preciso democratizar os meios de comunicação, desde as concessões até o ofício do repórter no dia-a-dia.

Como atua em nível simbólico, a mídia cria e impõe significados. Tal poder é democratizado na medida em que há uma pluralidade de veículos, de redes e de canais de comunicação: "A sociedade brasileira tem que criar mecanismos eficazes de controle, para não permitir que a mídia dite a pauta da sociedade. A mídia tem que ser humilde para entender que está a serviço da população." Para o jornalista, falta ainda uma estratégia nacional para se alcançar esse objetivo, além do despreparo da sociedade e da falta da famosa vontade política.